

BANHO DE CHÊRO: UM MERGULHO EM PALAVRAS AMAZÔNICAS

Bruno Wanzeler da CRUZ¹
Juliana da COSTA SILVA²
Ramon Souza BATISTA³
Monise SALDANHA⁴

Recebido: 19/07/2024
Aprovado: 15/09/2024

Resumo

O que as escolhas lexicais de Eneida de Moraes na obra *Banho de chêro* expressariam da cultura amazônica? Mote desta investigação, balizada pela revisão bibliográfica de acordo com os autores Silva (215), Cerutti-Rizzat, Koerichi, Kuerten-Dellagnelo (2008), os quais denotam a relação por meio da literatura, cerne da Linguística Aplicada. Dessa maneira, verificamos que o dialeto amazônico é “protagonista” em *Banho de chêro* e se mostra como um elemento sociocultural indispensável à construção da linearidade da obra, já que faz parte da cultura.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Banho de cheiro. Literatura Amazônica

SCENTED BATH: A DIVE INTO AMAZONIAN WORDS

Abstract

What do Eneida de Moraes' lexical choices in the work *Banho de chêro* express about Amazonian culture? This research is based on a bibliographic review according to the authors Silva (215), Cerutti-Rizzat, Koerichi, Kuerten-Dellagnelo (2008), who denote the relationship through literature, the core of Applied Linguistics. Thus, we verify that the Amazonian dialect is the “protagonist” in *Banho de chêro* and is shown to be an indispensable sociocultural element in the construction of the linearity of the work, since it is part of the culture.

Keywords: Applied Linguistics. Scented bath. Amazonian Literature.

Introdução

¹ Especialista em Educação, Cultura e diversidade – UNIASSELVI/2024, Licenciado Pleno em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará/2023 – brunowanzelerjr@gmail.com;

² Mestranda em Educação, UEPA/2025; Licenciado Pleno em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará/2023 – jullysilva291299@gmail.com;

³ Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura – UNIASSELVI/2024; Licenciado Pleno em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará/2023, ramonsouzabatista27N@gmail.com;

⁴ Doutora em Letras - UFRGS/ 2025, Mestra em Educação – UEPA/2017, Especialista em ERER – IFPA, 2013; Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária – UEPA/2014.

CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

Ao mergulhar em águas profundas e escuras, permitimos nosso corpo sentir e absorver tudo que há de bom nela, e no embalo das ondas nos juntamos a outras espécies em uníssono ardor de liberdade, fazendo parte do ecossistema. Nesse ínterim, a mente desperta calmamente e passamos a enxergar coisas que antes eram apenas borrões, ações próprias da qual nenhum outro mundo, quer seja o nosso, possui.

Entretanto, talvez esse possa ser seu primeiro mergulho, rumo ao desconhecido, por isso, devemos embarcar numa vigem pelos rios e navegar no mar profundo onde a névoa é ainda mais espaça. Para isso só mesmo a Literatura, é nela que podemos embarcar e velejarmos seguros e confiantes, e quanto mais longe formos, mais caminhos iremos encontrar, culturas e línguas a conhecer, como por exemplo o (Rio) Literatura de Expressão Amazônica.

A língua provida da arte literária é relevantemente e interessante; por conseguinte, buscamos estudá-la a partir de uma pequena parte de sua cultura, situada na célebre obra *Banho de Chêro*, de Eneida de Moraes. Em paralelo a isso, condicionamos esta maré por meio da Linguística Aplicada, destacando os fenômenos que ocorrem no ato da fala, como fatores socioculturais na obra de Eneida, os quais emergem novas possibilidades e diversidades contidas nos “oceanos” linguísticos, poucos visualizados ou quase nunca investigados.

Em vista desse mar de possibilidades, trilhamos na beleza das palavras pertencente ao universo dos falantes no mundo, em especial dos paraenses. Por esse motivo, objetivamos analisar se as escolhas lexicais efetivada por Eneida, na obra *Banho de cheiro* expressam a cultura linguística paraense. Assim, nos rios desta pesquisa, uma inquietação nos ronda: Será que os fatores socioculturais da língua paraense influenciaram as escolhas de palavras por Eneida? A partir daí e, enquanto pesquisadores de Literatura Amazônica, pensamos em perscrutar esse universo, trilhas a fomentar outras questões, a saber: (1) buscar evidenciar fatores socioculturais das comunidades linguísticas da região amazônica; (2) contribuir para o conhecimento linguístico e literário em geral; (3) colaborar na valorização da literatura amazônica, visto que esta possui pouca circularidade no ensino de língua.

Desse modo, este trabalho se organiza da seguinte maneira: A Linguística Aplicada, *Banho de chêro*; Metodologia: tipo de pesquisa e a metodologia utilizada, levantamento bibliográfico e procedimentos; Resultados e discussões: *Banho de cheiro* ou *Banho de chêro*? *Banho de chêro*: escola memorial, Dialeto paraense em *banho de chêro*; e, por último, Considerações finais. E, assim, quem CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. *Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas*. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

sabe ofertar ao leitor-ouvinte um mergulho no mundo da literatura amazônica, cristalizado com banhos perfumados pelo cheiro de ervas e palavras.

1. Literatura e Linguística Aplicada: um entrelace

A Literatura, como uma fonte reprodutora de saberes, oferece um universo de opções que inspiram o ato de criar e escrever, possibilitando, a quem quiser, fazer dele o lugar de suas obras. Além disso, a arte literária é um oceano de possibilidades científicas, estudar seus “escritos fictícios” contribui para a compreensão daquilo que é “real”, do que se vive fora das páginas de um livro. Literatura a expressar evidências históricas, fatos sociais e, de forma *sui generis*, a identidade e a vivências de quem a produz; representando, então, grandiosa carga e herança cultural, intrínseca em sua expressão artística amazônica, pois:

[...] a literatura que narra essa vivência, poetiza a experiência de nossa região, pode ser usufruída pelo povo que a vivencia e a experiência: nossos rios, nossas florestas, nossos hábitos e tradições. Qual literatura passará a ser uma referência somente para “os de fora”, mas também o será para “os de dentro de nossa cultura”. (Aires, 2015, p. 140)

A Literatura brasileira de expressão amazônica seria, portanto, a representatividade do povo que compõe seus enredos, sua história, sua cultura, seus saberes, envolvidos nas estrofes poéticas e nos parágrafos narrativos, ou seja, a realidade no cotidiano dessas vivências de rios, matas e tudo que o ser amazônico pode usufruir, principalmente o dialeto, particular e identitário. Assim, estudar este ponto nos mostra como a literatura amazônica, que representa estes traços linguísticos, contribui para as pesquisas em Linguística Aplicada, uma vez que, esta última se reproduz na medida que o falar é praticado, que o dialeto e todas as suas particularidades são disseminadas no cotidiano de quem as vive. Mas, para entender um pouco além os estudos desta ciência, destacamos as próximas linhas as suas particularidades.

A respeito da Linguística Aplicada, doravante apenas LA, Silva (2015) aponta para quatro truísmos correntes no Brasil. Primeiro: a evidência empírica monolítica, em que teoria e aplicação não são condizentes. Segundo: a ideologia artefactual de língua, o qual muitos linguistas constroem “artefatos” para nortear suas pesquisas. Terceiro: os poucos modelos reflexivos dos agentes envolvidos nas práticas, obviedades que se relacionam à desconsideração dos usuários nos modelos

teóricos. Quarto: a ênfase em disciplinas e não em problemas, truísmo o qual faz referência a tradição brasileira de concentrar o trabalho de pesquisa por áreas.

Pelo exposto, na última década a LA teve “o interesse em entender, explicar ou solucionar problemas, objetivando a criação ou o aprimoramento de soluções para tais problemas, tomados em sua contextualização, em sua relevância social” (Cerutti-Rizzat, Koerichi, Kuerten-Dellagnelo, 2008, p. 35). Nessa perspectiva, nota-se que a LA atribui grande importância às questões sociais, nas relações linguísticas, sobretudo em processo de ensino e aprendizagem.

Ainda sobre a LA Cerutti-Rizzat, Koerichi, Kuerten-Dellagnelo (2008) explicam que esse ramo de estudo vai além do universo escolar, ganha espaço na sociedade em seu desenho mais amplo, focalizando os usos da língua nas diferentes instâncias, nos diferentes contextos, nas mais variadas interações, suscitando problemas nesses universos múltiplos. Desse modo, no Brasil a LA tem ênfase em explicar os fenômenos da língua em uso, levando em consideração os fatores socioculturais como dispõe Silva (2015).

À vista disso, em relação aos laços entre LA e Literatura, Gonçalves e Lopes (2020) afirmam que ambos os ramos são estudados enquanto pertencentes ao campo dos estudos da linguagem e, por essa razão, são vistos como áreas próximas em “diálogos”. No mais, na discussão entre LA e Teoria da Literatura é importante fomentar as reflexões acerca da parceria afinada entre essas áreas teóricas distintas e “no quanto essa parceria contribui para a formação do leitor, em especial da Literatura, ciente do papel das tessituras languageiras na engenharia da produção literária” (Gonçalves e Lopes, 2020, p. 8).

Em torno da parceria acima informada, é importante ressaltar a culminância da oralidade com a escrita, pois conforme Barbara e Botelho (2019, p. 316) “Oralidade e escrita são duas linguagens usadas de formas muito variadas pelo homem nos mais diferentes contextos da sua vida”. As autoras se referem ao fato de a oralidade e a escrita convergirem em diferentes momentos, durante o processo de ação da língua, uma vez que estas focam na comunicação diária com o meio social.

No mais, vale ressaltar que a fala está relacionada a critérios de distanciamento, envolvendo outros (audiência), consigo mesmo (pessoal) e com a realidade (situacional), evidenciam Bárbara e Botelho (2019). Por outro lado, a escrita é autônoma e pode ser separada de seu autor, conforme os mencionados autores.

1.1 Banho de chêro

Inserida na literatura brasileira de expressão amazônica, a crônica banho de *chêro* da escritora paraense Eneida de Moraes narra memórias sobre suas experiências e intimidades com o tradicional banho de ervas presentes na cultura amazônica, ou seja, suas singularidades e o teor ancestral embutidos na preparação e utilização das plantas.

A prática do banho de *chêro*, referida pela autora, é descrita como tradição regional, mais especificamente do povo paraense, realizada nos festejos de São João. Por outro lado, Oliveira (2016) informa que essa tradição tem origem em Portugal, trazida com os colonizadores para o Brasil, na época das missões jesuítas, uma vez que as santidades católicas eram cultuadas no continente Europeu. Entretanto, com o processo do choque de cultura ocorrido no Brasil, e com o passar dos anos, o banho foi se (re)modelando as especificidades amazônicas e tornou-se o banho de cheiro tipicamente paraense, um marco nas festividades religiosas comemoradas pela igreja católica, essencialmente no mês de junho, pois:

Nas linhas da narrativa a autora fala da sua relação com os santos, descreve como transcorriam os festejos juninos naquela época e ressalta a importância do banho, a importância das crenças e costumes mesmo para os que não creem nos poderes milagrosos das ervas e dos santos. (Oliveira, 2016, p. 45)

Nesse sentido, o enredo descrito por Eneida, evidencia o valor das tradições, que perpassam gerações e desafiam o tempo no seu poder de ultrapassar esses saberes e deixá-los no passado. O banho de cheiro é um instrumento místico, poderoso para quem crê em seus potenciais, afastando energias negativas e atraindo graças e dias melhores. O ritual é uma presença indispensável no “dia de São João”, é um acontecimento importante para analisar o valor da cultura para um povo. Assim, para quem habita a Amazônia, as cosmologias cotidianas são recheadas de conhecimentos do mundo indígena e africano em profundas conexões. Com isso, as trocas de saberes, tradições, crenças, costumes e cosmovisões dialogam em harmonia, bem expõe Ataíde (2022).

Conectado a isto, denota-se outro aspecto interessante nas linhas por trás da obra, como nítido na narrativa memorial de Eneida, a cronista repassa a descrição do banho tradicional, um olhar atencioso e especial ao que está contando. Nascida no Pará, ela aproveitou a infância inesquecível por essas terras, momentos que fez questão de transpor para o papel, memórias simbólicas que compartilhou com o mundo, demonstrando seu carinho por seu lar de menina e valorizando

CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

conhecimentos que, nem todos, enxergam como valiosos. Pensa-se então, que a obra analisada neste trabalho foi, e é a maneira de visibilizar a região, sua gente e cultura, pouco observadas como fontes de estudo.

Desse modo, mesmo não tendo uma crença fiel aos poderes das ervas, ao trazer a temática para crônica, a escritora destaca o valor da preservação dos costumes, como perceptível no entrelaçamento da linguagem escolhida, nos termos que transcendem a intimidade e afeição à cultura regional, posto que:

A crônica de Eneida se mostra como a transmissão de uma forma de conhecimento além do científico capaz de trazer visibilidade a existências e de possibilidades culturais, epistemológicas, experienciais, tornadas invisíveis por uma lógica hegemônica que não só desqualifica e deslegitima estes saberes, como os torna não presentes, indignos de serem considerados como razoáveis frente à lógica racional em curso. (Atáide, 2022, p. 17)

A partir desse contexto, e das considerações elucidadas acerca do conteúdo expresso na obra, pensa-se na LA enquanto instrumento científico para analisar o uso das escolhas lexicais efetuadas por Eneida, visto que, a crônica dispõe de um conjunto de palavras que marcam o seu berço de origem. De tal modo, partindo do pressuposto de que a LA é interdisciplinar, dialogando muito bem com outras áreas de investigação e com a arte literária, pensamos nas contribuições daquela área para desvendar o uso da linguagem subjetiva presente na obra *Banho de Chêro* de Eneida. Ação transposta nos próximos parágrafos, num, então, mergulho nas perspectivas linguísticas aplicadas em um banho de cheiro.

2. METODOLOGIA

2.1 O tipo de pesquisa e a metodologia utilizada

O presente artigo se caracteriza enquanto pesquisa de abordagem qualitativa, visto que se preocupa “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Silveira; Córdova, 2009. p. 34). Nesse sentido, não se trata de representação numérica, pelo contrário, busca o entendimento de um grupo social, de uma organização, isto é, trabalha com o universo de significados, bem também como os motivos, crenças, valores e atitudes da autora, sendo correspondente a um espaço mais profundo das relações.

A propósito dos procedimentos, estes serão bibliográficos, visto que a pesquisa é construída a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos físicos e eletrônicos, como livros, artigos científicos. Pois qualquer trabalho científico se origina de uma pesquisa bibliográfica, a qual permite ao pesquisador conhecer o assunto que previamente já tenha estudado, frisa Fonseca (2002, *apud* Silveira; Córdova, 2009).

2.2 Levantamento bibliográfico e procedimentos

A proposta deste artigo é analisar se as escolhas de palavras efetivada por Eneida tem relação com os aspectos da literatura amazônica. Para isso, faremos, primeiramente, um levantamento bibliográfico de artigos, livros e revistas retiradas internet, bem como *sites Google Acadêmico* e *SciELO*, no qual buscamos os seguintes descritores: “Linguística aplicada”, “Linguística aplicada e literatura”, “Banho de chêro” e “literatura da amazônica”.

Na sequência, observamos a relação entre LA e a Literatura, tendo como foco principal autores como: Silva (2015) e Cerutti-Rizzat, Koerichi, Kuerten-Dellagnelo (2008). Atentando ainda para a obra *banho de chêro* de Eneida de Moraes, embutida na literatura de expressão amazônica, mencionada, por entre os autores, enquanto uma das principais obras a destacar os fatores socioculturais paraense. E, por fim, selecionamos as palavras encontradas na referida obra que possuem relação com os fatores sociais e culturais, traçando discussões sobre o que levou a autora a fazer tais escolhas lexicais em sua obra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Cheiro ou chêro: de que banho se trata?

A pergunta “banho de cheiro ou banho de chêro?” a priori parece ser bem simples de ser respondida, isso se levamos em conta o ponto de vista gramatical, no qual “chêro” pode ser entendida como um simples desvio de norma, enquanto que “cheiro” seria a forma correta de uso e grafia do termo. Entretanto, a autora Eneida de Moraes não busca tratar da gramática em sua crônica, isto é, *Banho de chêro*, pelo contrário, destaca para o leitor uma forma de uso da língua, bem particular a sua pronúncia.

Na crônica de Eneida de Moraes há a expressão “chêro chêroso” que significa, segundo a autora, “cheiro cheiroso”. Para ela isso se trata de uma de uma “pronúncia local”. Mas, de qual CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

localidade ela se refere afinal? Nesse sentido, para entendermos o que a autora busca nos informar é necessário ainda recorrermos à sua crônica.

Desse modo, na passagem “na minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará” podemos compreender que, a citada autora revela a região onde a pronúncia “chêro” é efetuada, isto é, no estado do Pará, norte do Brasil. Além disso, a escritora nos explica o lugar onde mora, ou de sua naturalidade e o quanto ela o aprecia.

Portanto, no que concerne à pergunta “Banho de cheiro ou banho de chêro?”, podemos afirmar que a escolha se deu em virtude da pronúncia local, efetuada na cidade Santa Maria de Belém do Grão-Pará no estado do Pará, visto que a autora buscou trazer elementos da oralidade da cultura paraense para a sua escrita, aproximando-se, assim, do leitor, em especial o de sua região.

3.2 Banho de chêro: escolha memorial

As memórias de infância sempre rendem boas histórias e saudades que aquecem as lembranças do passado e as tornam vivas novamente. Desse modo, a crônica escrita por Eneida, não é apenas linhas a contar da tradição do *banho de chêro* e o contexto em que ele acontece. Mas, sobretudo, representa o lado íntimo e especial da autora, o berço em que nasceu e as ruas de sua amada Belém, palco de uma infância aproveitada e do qual ela nunca esqueceu. As memórias da menina nascida no Pará, são transpostas para obra, fazendo com que outros adeptos dessa cultura as reconheçam também enquanto parte de suas vidas, já que:

A crônica “Banho de cheiro” é um exemplo, como muitas outras narrativas de Eneida, de um saudosismo amazônico, especificamente, da cidade de Belém da infância da escritora. É com uma grande carga poética que Eneida apresenta uma receita para se fazer o ‘banho de cheiro’ a ser tomado à meia-noite do dia 23 de junho, véspera de São João, e é com uma abordagem íntima que menciona a cultura do perfumar-se em ervas como uma prática de seus ancestrais. (Ataíde, 2022, p. 9)

O carinho e intimidade que a autora nutre por sua cidade e pelas experiências vividas nesse chão, são perceptíveis em alguns trechos de seu texto, os quais podemos caracterizar como uns parágrafos memorialistas. Na página 10, dispõe, ao tratar sobre sua relação com a imagem de São João: “São João é personagem de minha infância; de São João já sou velha e dedicada amiga. Aprendi

a amá-lo muito cedo. Creio que ele deve ter sido um dos primeiros amores de minha vida”; o trecho deixa perceptível o elo de afeto que a escritora cristaliza na linguagem utilizada nessas linhas.

Concomitante a isto, na sentença: “Manhã cedo, no meu tempo de menina – perdoai se gosto tanto de ressuscitar meu passado!”, proferida na página 11, quando Eneida relata o momento em que tomava o “*banho de chêro*”, notamos que a narrativa redigida é fruto de vivências de um tempo longínquo, mas revisitado com muito apego sentimental por ela, que mesmo em sua fase adulta nunca deixou as experiências de menina recaírem no anonimato, as escreveu atribuindo seu olhar sensível e poético a sua cultura. Ação a evidenciar que:

A literatura eneídiana, é território da linguagem poética, da linguagem plurissignificativa, da linguagem metaforizada, da linguagem que se torna símbolo de beleza, símbolo de sentidos, símbolo de significações. Os recursos poéticos empregados pela escritora paraense, infundem, na alma do leitor a realidade experienciada por ela em um misto de sentimentos, de cores, de fantasias. (Ataíde, 2022, p. 6)

A escolha da temática é um fato singular, pois carrega em seu conjunto uma manifestação de pertencimento, traços culturais e identitários presentes na construção pessoal e autoral de Eneida, reminiscências que enfocam a familiarização com o enredo de sua obra. E para ser porta-voz desse arcabouço, a linguagem subjetiva e poética utilizada pela escritora foi fundamental nesse percurso.

3.3 Pataqueira, priprioica e catinga de mulata: um banho de chêro linguístico

A língua faz parte da nossa identidade e da nossa cultura e está presente no uso cotiando de qualquer indivíduo. Uma das características que evidencia esse tipo de questão é, sem dúvida, o dialeto, visto que se trata de uma variação da qual está contida no uso da língua como forma de interação social. No que tange ainda ideia de dialeto, ele é a variação linguística própria de uma região ou território, no qual diferentes formas de comunicação na língua se originam em virtude dos próprios falantes, em diferentes graus, sejam estes ligados à idade, sexo, classe social ou grupos sociais. Também se aplicam diacronicamente, isto é, de forma evolutiva na língua no decorrer da história, explicita Insfran (2019).

O fenômeno acima destacado indica a existência de uma variação linguística na modalidade oral. Dessa forma, na cônica de Eneida de Moraes podemos observar algumas dessas características transcritas na obra, representando, assim, uma variação do tipo dialético, o falar paraense. Diante do CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

exposto, encontramos as seguintes palavras, destacadas no quadro abaixo, que Eneida de Moraes utiliza em sua crônica “Banho de chêro” e as quais remontam o contexto sociocultural do falar paraense, conforme se pode observar no quadro que segue.

Quadro 1: Aromas literários amazônicos

| Palavra na obra | Sentido regional (tradução cultural) | Significado |
|----------------------------------|--------------------------------------|---|
| <i>minha via</i> | Minha vida | Pode ser percebida em textos literários ou estudos da língua em seu caráter diacrônico. |
| <i>que é que é</i> | Que é | Necessidade de enfatizar ainda mais a resposta. |
| <i>quase nada sei, a não ser</i> | Só sei que | Seu significado está atribuído à noção de condição presente em “a não ser que” |
| <i>lata de banha</i> | Pote com gordura | |
| <i>catinga-de-mulata</i> | Erva de são marcos | Arbusto de porte pequeno que são usadas na perfumaria. |
| <i>manjerona</i> | | |
| <i>bergamota</i> | Folha-de-chama | Popularmente conhecida como mexerica. |
| <i>pataqueira</i> | Planta aromática herbácea | Utilizada para fins aromáticos e no tratamento de avitaminose. |
| <i>priprioca</i> | O cheiro-do-pará | Espécie de capim alto com flores bem pequenas. Seus talos produzem uma raiz em forma de tubérculos que, quando cortados, exalam um perfume delicioso, fresco, amadeirado e picante. |
| <i>cipó cantiga</i> | cipó-sucurijú | planta trepa-deira |
| <i>Arruda</i> | | |
| <i>Cipoíra</i> | | |
| <i>baunilha</i> | | |
| <i>chêro chêroso</i> | Cheiro cheiroso | Pronúncia local da cidade de |
| <i>curibocas</i> | Mestiço de europeu e caboclo | Variação da palavra cariboca |

CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

| | | |
|---------------------------------------|---|---|
| <i>Patchuli</i> | | |
| <i>estrelinhas</i> | Estalinho | |
| <i>tenho mais estrelas do que tu!</i> | | |
| <i>foguetinhos</i> | | Instrumento de pequeno porte do conjunto de fogos de artifícios tradicionais e indispensáveis nas festas juninas. |
| <i>naquela noite aquele</i> | | |
| <i>cuias pretas</i> | recipientes utilizados pelos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, para tomar líquidos como o mingau citado na crônica. | As cuias são confeccionadas a partir do fruto retirado da cuieira uma árvore típica da região. |
| <i>manguzá</i> | refere-se a um mingau de milho servido também nas “cuias pretas” | Faz parte do cardápio das comidas típicas das festas do mês de junho. |
| <i>compadres e comadres</i> | O significado de compadre está relacionado a ligação instituída por pais e padrinhos da criança que será ou foi batizada pela religião católica | O festejo de São João é uma oportunidade para aproximar pessoas e gerar “comadres” e “compadres” |
| <i>tolices de menina</i> | Adjetivos que a escritora postulou a ela, muito requeridos quando uma criança começa a fazer birra ou incomodar os adultos com as bagunças e comportamentos desta fase. O termo “tolice” representa uma escolha de Eneida por fazer parte do vocabulário de sua região. | |

A partir do que fora anteriormente exposto, percebemos que a maioria dos ingredientes do banho de *chêro* tem nomes próprios, pelos quais são conhecidos na região amazônica. Trata-se da variação regional, como bem explica Martelotta (2011), ao associar a distância espaciais das cidades, destacando as zonas urbanas das ruais e seus entrelaço linguísticos. O uso do “tu”, presente na página 11 da crônica, também remete a esse tipo de variação.

CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

A pronúncia local: *chêro chêroso*, citada na página 10 da crônica, tem a haver com a variação regional pois é própria aos moradores de Belém e será também variação social, visto que será utilizada pela classe social desprestigiada. Ao ser utilizada por uma intelectual, como Eneida, a variação passa ser a de registro, informa Martelotta (2011). A palavra curiboca, encontrada na página 10, é uma variação da palavra cariboca, dispõe Dicio (2022), a qual significa “mestiço de europeu e caboclo”, Dicio (2022) informa ser esta uma variação regional.

A maioria das palavras anteriormente citadas fazem parte do cotidiano do Paraense na época do São João. A vista disso, a linguagem oral pode exercer influência direta na escrita, como ocorreu na crônica de Eneida, porque, de acordo com Botelho (2006), é possível encontrar marcas da oralidade em textos, visto que ao se considerar os “fatores de produção de cada uma das modalidades da língua, podemos avaliar a influência de uma sobre a outra e constatar que inicialmente é a oralidade que inicia o ciclo de influências mútuas.” (BOTELHO, 2006). Ademais, Botelho (2006, p.04), ainda ressalta que tais as influências ocorrem da seguinte forma:

É a escrita que, inicialmente, recebe influência da oralidade (Escrita 1). Mais tarde, é-lhe imposta uma escrita convencionada, socializada (Escrita 2), que difere substancialmente daquela utilizada até então. Esta influencia a sua fala (Fala 2), que procura agora reproduzir a escrita, num ciclo contínuo de simulações.

Nessa perspectiva, a influência da fala sobre a escrita consoante a Barbara e Botelho (2019, p. 320), ocorre “por meio da marca de se escrever como se fala, ou seja, uma pronúncia simplificada de palavras ou expressões que tanto crianças, quanto adultos sem letramento pode fazer, levam a uma escrita fora da norma padrão da língua.”

Pelo exposto, levamos em consideração, na crônica *banho de chêro*, a intencionalidade da autora que a escreveu, sendo uma intelectual, Eneida de Moraes, utiliza muito bem a linguagem do cotidiano da região amazônica. Todavia, seu uso não denota falta de conhecimento da norma padrão da língua portuguesa. Pelo contrário, quando evoca termos presentes no léxico Paraense, Eneida de Moraes tenta conseguir dar mais verossimilhança ao seu universo literário, sua escrita não é mera variação linguística. Exemplo disso, está no próprio título (o qual foi anteriormente explicado) que traz a palavra *chêro* e não *cheiro*, aproximando-se assim, do léxico da região de Belém.

Desse modo, percebemos como o fator sociocultural tem influências na linguagem utilizada pela escritora Eneida de Moraes em sua crônica *banho de chêro*. Assim, a observação de tais recursos linguísticos “desnuda” a vida paraense transformada em arte, expõe Gonçalves e Lopes (2020). Razão pela qual se faz necessário recorrer aos constructos da LA e literatura, visto que as duas áreas permitem “a percepção do texto como uma forma de conhecimento permeado pelos usos infinitos e inestimáveis da língua e de textos outros, imbricados aos da Literatura.” (Gonçalves e Lopes, 2020, p. 15).

Outrossim, o mergulho no banho de aromas e dialeto amazônicos apresentado por Eneida só é possível porque a literatura oferece um rio convidativo ao uso da linguagem poética, e seus afluentes são territórios férteis à imaginação. A arte de escrever parágrafos literários, presenteia o autor(a) de liberdade, sem correntes, ele(a) organiza viagens, sua única preocupação é a de despertar no leitor o desejo de navegar nessas ondas. É dessa maneira que Eneida demonstra sua intimidade linguística, proporcionando aventuras pós-banho de chêro e, assim, passamos a conhecer as peculiaridades de João Batista e sua famosa fogueira de laços, abraços quentes e inesquecíveis, típicos de Belém do Pará. Talvez por isso a literatura tenha algumas amarras, a menina cheia de “tolices” prendeu e rendeu olhares para sua história de ervas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emergir do mergulho no dialeto amazônico, descrito nas linhas de Eneida de Moraes, compreendemos algumas questões: ao vislumbramos as escolhas das palavras efetivadas pela autora, entendemos que elas têm cunho regional. Perfazem os traços de uma realidade típica amazônica, sobretudo, belenense em períodos festivos, por isso a perpetuação do dialeto regional. Percebemos que a autora abarcou em sua obra aspectos da literatura brasileira de expressão amazônica, bem como, o conjunto lexical explicado por fatores socioculturais na linguagem, como percebido pelas postulações da LA.

Observamos também que, o dialeto amazônico é protagonista na história do banho de *chêro*, mostrando-se como um elemento indispensável para a construção da linearidade da obra e, sobretudo, para atingir o público leitor, alvo da cronista paraense, os seus conterrâneos, povo que não só entende o que está sendo contado, como, principalmente, participa do texto, seus saberes e cultura valorizados

como a fonte de inspiração para Eneida, ingredientes no preparo do banho de ervas paraense, destacando o jeito de falar desse povo.

Além disso, mencionamos que o conjunto das discussões apresentadas neste artigo e os levantamentos advindos da leitura da crônica, colaboram para estudos em relação a LA e sua relação com os conhecimentos artísticos literários, que devem ser observados de maneira mais atenciosa, pois são ferramentas indispensáveis ao ensino eficaz de língua portuguesa e de suas idiossincrasias.

Com efeito, intentamos colaborar com o reconhecimento da literatura amazônica, como conteúdo possível de investigação linguística, porém, pouco visitada enquanto objeto de estudo, e quase nunca trabalhada em salas de aulas no processo de ensino e aprendizagem da língua. Nesse sentido, intentamos promover diálogos a partir do contexto amazônico, oportunizando o adentrar no mundo das variações linguísticas contextualizadas, com intuito de uma pedagogia na qual se perceba e se colabore para que os alunos interpretem seus dialetos como algo rico de sua comunidade de fala. Então, vendo a língua pelos olhos de Eneida, construímos uma relação íntima, profunda, submersa nos rios que a cultura do Pará oferece.

Diante disso, aconselhamos: permita-se mergulhar em banhos, sejam de ervas, de felicidade, poesias, *chêros chêrosos*, em literaturas perfumadas com aromas alegres, sorridentes, farfalhantes como a contada por Eneida e, assim ir ao encontro da linguagem paraense e seu universo vasto de possibilidades e particularidades.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Luciana de Barros. **Identidade e cultura na crônica “Banho de Cheiro”, de Eneida de Moraes Luciana de Barros**. Marabá: Afluyente, 2022, p. 6-19.

BELÉM. Pataqueira. Ver-belém. Disponível em <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?i=1&p=160>. Acesso em 2022.

BARBARA. M. J. S; BOTELHO. J. M. **A Influência da Oralidade Sobre a Escrita e Suas Marcas**. Revista Philologus, Ano 25, n. 75. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2019. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/808/861>. Acesso em 2022.

BOTELHO. J. M. **As Marcas Da Oralidade Na Escrita**. Filologia org. 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/35/02.pdf>. Acesso em 2022.

CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

CERUTTI-RIZZATTI. M. E; KOERICH. R. D; KUERTEN-DELLAGNELO. A. **Introdução à linguística aplicada** — Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

D.I. Cipó-Catinga. D.I. 2022 Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/cip%C3%B3-catinga/>. Acesso em 2022.

DICIO. Curiboca. Dicio: **Dicionário online de Português**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/curiboca/>. Acesso em 2022

DICIO. Cariboca. Dicio: **Dicionário online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cariboca/>. Acesso em 2022

Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. Acessado em: 03/06/2022. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>.

GONÇALVES. C. R; LOPES. V. **Linguística Aplicada e Literatura: interfaces e diálogos possíveis**. SCRIPTA, v. 24, n. 50, p. 7-23, 1º quadrimestre de 2020.

Hortifruti. Priprioca: **o delicioso aroma do Pará. Hortifruti: saber e saúde**. 2018. Disponível em: <https://saberhortifruti.com.br/priprioca-o-aroma-do-para/>. Acesso em 2022.

INSFRAN, M. R. **Variação da linguagem: dialetos**. Ave palavra. UNEMAT, ed. nº 27, 2019. Disponível em: <https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/27/artigos/Insfran.pdf> Acessado em: 06/06/2022.

MARTELOTTA. M. E. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Daniele de abreu. **Letramento literário e cultural na Amazônia brasileira: que literatura ensinar? Que textos ler?** Orientador: Gilson Penalva. 2016. p. 91. Dissertação (Mestrado)-Letras, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, Marabá, 2016.

RODRIGUES. R. **Bergamota: benefícios da fruta para a saúde humana**. CPT. 2021

Sem Autor. Catinga de Mulata: A planta usada no combate de dores musculares ao tratamento de asma. Portal da Amazonia. 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/catinga-de-mulata-a-planta-usada-no-combate-de-dores-musculares-ao-tratamento-de-asma>. Acesso em 2022.

CRUZ, Bruno Wanzeler da; COSTA SILVA, Juliana da; BATISTA, Ramon Souza; SALDANHA, Monise. Banho de Chêro: um mergulho em palavras amazônicas. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

SILVA, D. N. **A propósito de Linguística Aplicada' 30 anos depois:** quatro truísmos correntes e quatro desafios. D.E.L.T.A., Rio de Janeiro, 31-especial, 2015 (349-376). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/CxKTwbPGP4ktCZQyhzvLRyg/?lang=pt#>. Acessado em: 28/05/2022.

SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F.P. **A pesquisa científica.** In: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. Métodos de Pesquisa. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 33–44. Acessando em: 03/06/2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequence>.